

DIALOGISMO E POLIFONIA

CAMPOS, Dulcinéa
dulcampos@gmail.com
 SOUZA, Neuza Balbina de
nebaso@gmail.com
 STIEG, Vanildo
vstieg@gmail.com

Resumo: Este artigo refere-se a um estudo acerca de duas categorias do pensamento bakhtiniano: o dialogismo e a polifonia, tendo como ponto de partida as reflexões de Bakhtin expostas nas obras *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e *Estética da Criação Verbal* e ainda nos escritos de Cristóvão Tezza. Para desenvolvimento do trabalho, buscamos como alternativa um caminho que nos possibilitasse “visitar” os lugares onde Bakhtin viveu e “visualizar” neles os eventos sociais, ocorridos na época, situando-o naquele contexto como um sujeito sócio-histórico que pensava o homem e as questões do seu tempo e, sobretudo, o papel da linguagem como constitutiva do ser humano. Este exercício nos oportunizou perceber que, ao falar em dialogismo e polifonia, Bakhtin se contrapõe às enunciações monológicas que regem os discursos sociais. Como categoria literária, a polifonia se caracteriza pela presença marcante de vozes polêmicas no discurso. No romance polifônico, as vozes se sobrepõem umas as outras num caráter eminentemente dialógico que dá visibilidade ao homem e à sua natureza inacabada.

Palavras-chave: Dialogismo. Polifonia. Linguagem. Ideologia.

Nossa tarefa com este trabalho será um exercício de incursão no pensamento de Mikhail Bakhtin com a perspectiva de discutir as idéias desse pensador acerca do dialogismo e da polifonia. Para começarmos nosso dizer, acerca do dialogismo e da polifonia, pensamos em iniciar de algum lugar onde possamos situá-lo. Partindo do próprio pensamento do autor de que o ser humano é um sujeito socio-histórico imerso em determinada sociedade, por ele compreendida, como um conjunto de vozes, atitudes e ações e que ainda vê a linguagem humana como um produto eminentemente social. Assim, buscaremos então o lugar e os acontecimentos sócio-histórico-econômico-político-culturais nos quais Bakhtin estava inserido, o que se apresenta como possibilidade para nos “atrevermos” a mergulhar nesse universo numa tentativa de busca de compreensão do seu pensamento. Na tentativa de elucidar tais idéias, pensamos ser necessário colocar as seguintes questões: por que Bakhtin fala em dialogismo e polifonia? Que argumentos/reflexões ele desenvolve para chegar a esses conceitos? De que lugar o autor fala?

Bakhtin viveu de 1895 a 1975, na Rússia e na União Soviética e devido a sérios problemas de saúde passou a viver afastado das funções políticas e da vida social, intelectual, etc. No entanto, isso, não o impediu de produzir suas concepções sobre linguagem e

enunciação, o que para nós educadores, consiste no mais alto grau de relevância, até mesmo para pensarmos o nosso papel como sujeito social. A história aponta que a Rússia viveu, por longo período, sob um regime de autocracia absoluta no governo dos czares. Vigorava no império, um sistema político de monarquia autocrática que se chocava com o modelo econômico de capitalismo moderno, em que as relações de produção entrelaçavam-se com as do tipo feudal. Havia insustentáveis desigualdades econômicas e sociais entre a poderosa e privilegiada classe de nobres proprietários de terras e uma imensa população de camponeses. O povo vivia sob grandes privações e condições indignas de vida em que, imperava a fome, a miséria, a exploração, o analfabetismo, etc. Em 1917, inicia-se a Revolução, um movimento contra o czarismo. A Revolução Russa de 1917 foi o modelo clássico de revolução burguesa que desmantelou a velha ordem feudal e aristocrática, criando as condições para o desenvolvimento do capitalismo moderno.

Outro contexto que se inseria não somente a Rússia, mas em outros países do Oriente e Ocidente era o reflexo decorrente da instauração da modernidade. A proposta da modernidade teve como pano de fundo a busca da “luz”, ou seja, “sair das trevas”, dos “mitos”. A partir dessa meta, foi elaborado um grande plano social para a humanidade cujos pilares seriam a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Segundo “os desejos” modernos tais conquistas se concretizariam com a ciência, expressão máxima das idéias “iluminadas”. O conhecimento científico “passaria” ser a “luz” que conduziria o homem e a sociedade à “perfeição”, ao “paraíso”.

Imerso em tal contexto encontra-se o jovem filósofo Mikhail Bakhtin. Um sujeito social vivendo e refletindo as questões do seu tempo, pensando o ser humano em sua essência e vivência. Interessado, pelo estudo da linguagem Bakhtin vê nela a possibilidade de pensar os processos de constituição do sujeito, pois para ele, os humanos são seres de linguagem cuja natureza é expressa pela fala, pela palavra e esta por sua vez é social e não individual. “[...] A palavra vai a palavra [...] A palavra é o modo mais puro e sensível da relação social” (BAKHTIN, 2004, p. 37; 147).

A linguagem é vista por Bakhtin como uma atividade social e se contrapõe à ideia de sistema, de estrutura ou de produto individual. Para expor seus pensamentos e partindo da questão essencial sobre o que é a linguagem, no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ele elabora uma crítica radical a duas orientações do pensamento filosófico-lingüístico, denominadas por ele, de subjetivismo idealista e de subjetivismo abstrato.

DIALOGISMO EM BAKHTIN

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da grande temporalidade (BAKHTIN, 2000, p. 413).

Estudar o dialogismo em Bakhtin não é uma tarefa das mais simples devido à complexidade de suas idéias e do caráter transcendente da própria idéia de diálogo o qual nos apresenta muito mais do que um conceito, mas sim como uma maneira de enxergar o mundo, a ciência, a cultura humana, a linguagem, etc. Em Bakhtin, o diálogo é a unidade fundamental da língua e o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e da condição do sentido no discurso em que este não é individual tanto pelo fato de que se constrói entre pelo menos, dois interlocutores, que por sua vez são seres sociais quanto por se construir como um diálogo entre discursos. Ao longo de seu trabalho, o autor desenvolve a ideia de que o discurso não é uma enunciação monológica, conforme apresentado nas teorias desenvolvidas pelos representantes do subjetivismo idealista, isto é, ato puramente individual. Bakhtin propõe que as enunciações são tecidas em um contexto social imediato apontando que: “qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais de enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*” (BAKHTIN, 2004, p. 112, grifos do autor).

Ao tratar da questão da enunciação Bakhtin nos orienta que essa é “[...] produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados [...]”. Dessa forma, o que vai efetivamente determinar a enunciação é a existência de um interlocutor do grupo social, um interlocutor real ou, na ausência desse, um representante do grupo a qual pertence o locutor; o fato é que:

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social [...] Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor [...] (BAKHTIN, 2004, p. 112, grifo do autor).

Com essa premissa Bakhtin (2004) vai dizer que a palavra possui duas facetas elementares, pois procede de alguém e se dirige a alguém. Ela constitui “[...] o produto da

interação do locutor e do ouvinte [...] é uma ponte lançada entre mim e o outro [...]” (BAKHTIN, 2004, p. 113). Daí o caráter dialógico relacional da enunciação que perpassa por todo pensamento do autor. Na concepção bakhtiniana, não pode haver diálogo sem que haja no mínimo duas enunciações, mesmo que o enunciado do outro seja o silêncio no momento responsivo. O sujeito falante enuncia mesmo que seja para ele mesmo, para confrontar idéias, replicar, explicar. Segundo ele, a linguagem é essencialmente dialógica e complexa, pois, nela se exprimem historicamente as relações dialógicas dos discursos num movimento contínuo entre os diversos enunciados presentes na sociedade: os enunciados das classes sociais, da família, da igreja, da escola, etc, que carrega seus valores ideológicos, princípios, crenças, etc. O dialogismo é o permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram uma sociedade, sendo o confronto entre esses enunciados elaborados e desenvolvidos no contexto histórico-social, bem como a confrontação entre os valores e ideologias do eu e os valores e ideologias do outro.

De acordo com Bakhtin, o diálogo é o confronto das entoações e dos sistemas de valores nas mais variadas visões de mundo. Cada indivíduo, no seu tempo, vive de acordo com os valores e princípios de sua época e, que por sua vez, são confrontados com os princípios que o antecederam. É como se fosse uma réplica, um campo de batalha onde se confrontam as nossas ideias e as ideias dos outros. Nesse sentido, o locutor e o interlocutor são ativos. O primeiro antecipa o que o outro vai dizer, isto é, experimenta ou projeta o lugar de seu ouvinte. Do outro lado, o interlocutor, diante de uma enunciação significativa, elabora réplicas: concorda, aprecia, age, discorda, etc. E, ainda mais, o que possibilita a compreensão da enunciação é o movimento dialógico dos enunciados, o confronto dos nossos dizeres com os dizeres alheios. É na relação com o outro que os valores são construídos. Conforme aponta Bakhtin (1997, p. 35-36),

[...] na vida, agimos assim julgando-nos do ponto de vista dos outros, tentando compreender, levar em conta o que é transcendente à nossa própria consciência: assim, levamos em conta o valor conferido ao nosso aspecto em função da impressão que ele pode causar em outrem [...].

É na relação com o outro que tomamos consciência de nós mesmos; nos vemos através do outro. Nesse sentido, Tezza (2005, p. 211) aponta que:

[...] eu só posso imaginar-me, por inteiro, sob o olhar do outro; pelo princípio dialógico [...] a minha palavra está inexoravelmente contaminada pelo olhar de fora, do outro, que lhe dá sentido e acabamento [...] no universo bakhtiniano nenhuma voz, jamais fala sozinha. E não fala sozinha não porque estamos, vamos dizer, mecanicamente

influenciados pelos outros – eles lá, nós aqui, instâncias isoladas e isoláveis – mas porque a natureza da linguagem é inelutavelmente dupla [...].

É a ideia de não acabamento que perpassa todo pensamento de Bakhtin – a própria natureza humana é inacabada. Esse inacabamento é reflexo das diversas vozes que se constituem no discurso, as vozes do eu e as vozes do outro que carrega toda carga “cultural” (juízo de valor, princípios ideológicos, crenças, etc.). Na verdade o eu procura seu acabamento no outro. “Vivo no universo das palavras do outro. E toda minha vida consiste em conduzir-me nesse universo” (BAKHTIN apud SOUZA, 2004, p. 38).

Os enunciados são construídos sob a orientação da palavra do outro, ao sentido de todo discurso e Tezza (2005) diz que a palavra que pronunciamos não é nossa, é do meio, do outro, só se torna nossa quando a povoamos com nossas intenções. Essas, por sua vez, não se encerram aí, seguem adiante carregando outras intenções que também, por sua vez, nunca se perdem. As palavras estão carregadas de intenções do outro que a pronunciou. Nesse sentido, Bakhtin (1997, p.413) diz que: “não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado”. O mundo nos é apresentado e somos apresentados ao mundo por intermédio da linguagem, das palavras. É por via do diálogo que se encontra a possibilidade de compreensão desse mundo, a compreensão do outro e a compreensão do eu. Numa relação dialógica, está posta a condição de compreensão do outro e de participação na vida do outro. Por isso, Bakhtin (1997, p. 345) diz que: “a relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal [...]”. O sentido se constrói a partir da palavra do outro, que carrega os elementos necessários para a compreensão. Ou seja, a compreensão é uma resposta e a resposta só é possível mediante os sentidos da palavra, do enunciado completo. O autor complementa que a compreensão implica dois sujeitos, duas consciências em que esta se constrói pela influência das palavras do outro. Logo, não posso me compreender fora do outro e nem compreender o outro fora de mim.

No diálogo, os sujeitos constroem seu enunciado orientado pela atitude responsiva/compreensiva do outro. Seus enunciados refletem a relação dialógica com a palavra do outro e, como diz Bakhtin, com a “voz do outro”. Na vida, no mundo, nas relações sociais (eu comigo, eu com o outro), se defrontam enunciados sobre enunciados onde habitam muitas “vozes” que se sobrepõe à voz do outro e trazem para dentro do enunciado sua expressividade, sua visão de mundo, seus valores. São vozes próximas, longínquas, anônimas em que o passado e o presente que se entrecruzam. Contudo, nem sempre o fluxo entre mim e o outro ocorre de forma linear e sem conflitos. Evidentemente, que esse campo, o da

linguagem, será sempre tencionado pela polêmica e pelo confronto dos nossos próprios dizeres com os dizeres dos outros. Esse movimento dialógico dos enunciados, o da responsividade, se instaura a partir do processo de interação e esse, por sua vez, só se constrói na e por meio da linguagem. O dialogismo, além de se referir ao permanente diálogo entre os diversos discursos que configuram na sociedade, também se refere às relações entre os sujeitos nos processos discursivos. O dialogismo, portanto, é o movimento de dupla constituição entre a linguagem e o fenômeno de interação sócio-verbal.

A POLIFONIA DE MIKHAIL BAKHTIN

As noções de dialogismo e de polifonia estão entre as principais contribuições dos trabalhos do russo Mikhail Bakhtin e daqueles que faziam parte de seu círculo. Enquanto o dialogismo se caracteriza como o princípio constitutivo da linguagem, a polifonia se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso, que nos leva a perceber a impossibilidade de contar com as palavras como se fossem signos neutros, transparentes, uma vez que são afetadas pelos conflitos históricos e sociais que sofrem os falantes de uma língua. Por isso, as palavras permanecem impregnadas de suas vozes, seus valores, seus desejos. Assim, a polifonia se refere às outras vozes que condicionam o discurso do sujeito.

Segundo Tezza, (2001), a polifonia é uma das categorias mais atraentes da teoria literária das últimas décadas do século XX. Tomando esse termo – polifonia - de empréstimo da arte musical, isto é, o efeito obtido pela sobreposição de várias linhas melódicas independentes, mas harmonicamente relacionadas, Bakhtin emprega-o no seu livro *Problemas da Poética de Dostoiévski*, publicado pela primeira vez em 1929, para definir especificamente tanto a obra de Dostoiévski quanto o que ele chama de “um novo gênero romanesco”, o “romance polifônico”.

Com a análise da obra de Dostoiévski⁵, Bakhtin formula o conceito de romance polifônico, visto como uma nova forma literária, na qual as vozes do autor e das personagens estão representadas em sua autonomia ideológica. Isto suscita o surgimento de um novo conceito, que se opõe ao de “homem acabado”, no tempo e no espaço. Para Bakhtin, essa relação dialógica no romance, é por excelência o gênero do “homem inacabado”. Em Dostoiévski, nenhuma palavra é uma última palavra e, toda palavra é potencial e

⁵ Dostoiévski, escritor russo, foi o criador de um novo gênero literário, o romance polifônico, cuja característica marcante estaria no fato de que na obra do romancista russo as vozes que ressoam no texto não se sujeitam a um narrador centralizante, elas relacionam-se umas às outras em “condições de igualdade”.

necessariamente carregada de diálogo, parte integrante e inseparável de todas as outras vozes. O próprio Bakhtin confessou que só Dostoiévski foi de fato, nos termos por ele definidos, “polifônico” por apresentar as características indispensáveis nessa categoria, resumidas aqui apropriadamente por Tezza (2001, p. 3):

1. O inacabamento orgânico da narrativa, para que a estrutura romanesca não se monologize a favor de um ponto de vista dominante, ela é uma estrutura inacabada. O “realismo em sentido superior” de Dostoiévski está no fato de que sua representação da consciência é também uma representação da nossa consciência viva, que não se encerra jamais, que não pode ser finalizada de fora (exceto quando morremos, e o outro nos finaliza). 2. Como consequência do inacabamento, o romance polifônico vive sob uma presentificação permanente; é o império do momento presente, o perpétuo limiar do futuro. 3. No romance polifônico a estrutura realiza-se a partir do olhar do herói – não há nada que o narrador saiba sobre ele que ele já não saiba sobre si mesmo – em Dostoiévski, o narrador jamais encerra o mundo do herói. Na polifonia bakhtiniana, um homem nunca coincide com ele mesmo: jamais se reduz a um objeto mudo de conhecimento; o personagem é um sujeito, não um objeto. 5. A idéia, no romance polifônico, é sempre um evento vivo.

Não há ideias separadas do instante concreto da vida. Todo herói é um ideólogo, é sempre o portador de uma idéia, de uma visão de mundo. Nessa relação personagem-autor, Bakhtin (2003, p.338) escreve:

A estrutura totalmente nova da imagem do homem é a consciência rica do outro, rica em conteúdo e plenivalente, não inserida na moldura que conclui a realidade, consciência essa que não pode ser concluída por nada... Essa consciência do outro não se insere na moldura da consciência do autor, revela-se de dentro como uma consciência situada fora e ao lado, com a qual o autor entra em relações dialógicas. A representação (ou melhor, a recriação) da idéia em autodesenvolvimento (inalienável do indivíduo). A idéia se torna objeto de representação artística, revela-se não no plano de um sistema (filosófico, científico), mas no plano de um acontecimento humano. (...) a potencialidade dialógica como forma específica de interação entre consciências isônomas e equivalentes.

É importante observar que Bakhtin mostra claramente que o autor é a consciência de uma consciência. Ou seja, a representação das personagens em Dostoiévski é, acima de tudo, a representação de consciências, que não se trata da consciência única e isolada, mas, da interação de muitas consciências, de consciências isônomas e plenivalentes que dialogam entre si, interagem, preenchem com suas vozes as lacunas evasivas deixadas por seus interlocutores, mantendo-se intocáveis enquanto consciências individuais. Nesse sentido, elas jamais se tornariam objetos de ação do próprio autor.

Nessa perspectiva, o romance polifônico é uma estrutura complexa, cujos heróis, é portador de um ponto de vista enraizado numa situação concreta da vida; são autônomos e inacabados com relação ao olhar do autor sobre eles. Todos vivem um presente infinito tendo

em vista o movimento contínuo de autodesenvolvimento da vida. Eles vivem o evento da vida de forma indireta, por se tratar aqui de uma obra de arte. Eles são representados por um autor que se relaciona com eles em pé de igualdade. Isso retrata o que Bakhtin disse a respeito de Dostoiévski, de que ele não aceitava as ideologias que conferem a uma consciência superior o direito de avocar-se a decidir pelas consciências inferiores, transformando-as em coisas mudas. Para ele, o homem entra no diálogo com voz integral e participa dele não só com seus pensamentos, mas também com seu destino; com toda a sua individualidade. Essa individualidade está contida na lógica do indivíduo autônomo, que está continuamente em autodesenvolvimento, cujos acontecimentos presentes é que determinam a sua decisão final, ou seja, a última palavra será sempre do indivíduo em relação ao momento presente vivido. É a “vida em autodesenvolvimento”, isto é, o indivíduo pluricadenciado devido as suas pluralidades de consciências.

Essas consciências jamais poderão ser generalizadas ou padronizadas como algo repetível. O próprio Dostoiévski criticou a representação existencial, alegando o fato de as pessoas estarem desacostumados da vida. Chegam a tal ponto que a “vida viva” autêntica é considerada quase um trabalho, um emprego, e que todos concordam no íntimo que seguir um livro é melhor. Tudo isso, graças a uma cultura ocidental que sempre buscou a transformação da realidade por meio de produto objetivado, racionalizado e domesticado pela ação da subjetividade. Essa cultura é em grande parte responsável pela destruição da natureza.

A proposta de Dostoiévski é converter a representação da essência em disposição da existência, para que a vida seja concretamente vivida, pois ele vê o homem como pura possibilidade. Para Bakhtin, a individualidade em Dostoiévski está situada numa fronteira, num limiar em que interage com o outro, de quem recebe muitos adendos à sua consciência a quem ela também transmite adendos similares. É um indivíduo em convívio entre uma multiplicidade de consciências, o indivíduo em processo de construção dialógica:

[...] Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro. Os atos mais importantes, que constituem a autoconsciência, são determinadas pela relação com outra consciência (com o tu) [...]. Não se trata do que ocorre dentro mas na fronteira entre a minha consciência e a consciência do outro,, no limiar. Todo o interior não se basta a si mesmo, está voltado para fora, dialogado, cada vivência interior está na fronteira, encontra-se com outra, e nesse encontro tenso está toda a sua essência. É o grau supremo da sociabilidade. (BAKHTIN, 2003, p.341).

A consciência será sempre dialógica, mesmo que, para isso, ela tenha que dialogar consigo mesma. Eis aí a essência da polifonia. Ela, por comportar essa perspectiva

democrática, passou a ser um valor defendido por Bakhtin como algo que deveria ser socialmente desejável por todos nós, mostrando que todos nós deveríamos ser polifônicos, e isto incluiria uma postura política de aceitar todas as vozes como vozes equivalentes e, conseqüentemente, “renunciar aos nossos hábitos monológicos”, considerando que “à categoria de monológico estão associados os conceitos de monologismo, autoritarismo e acabamento que “nega a existência da outra consciência isônoma e responsiva, de outro eu (tu) isônomo” (Bakhtin, 2003, p. 348). Quanto à categoria de polifonia, estão associados os conceitos de realidade em formação, inconclusibilidade, não acabamento, dialogismo, polifonia. A inconclusibilidade e o não acabamento decorrem da condição do romance como um gênero em formação, sujeito a novas mudanças, cujas personagens são sempre representadas em um processo de evolução que nunca se conclui. O autoritarismo se associa à indiscutibilidade das verdades veiculadas por um tipo de discurso, ao dogmatismo; o acabamento, ao apagamento dos universos individuais das personagens e sua sujeição ao horizonte do autor (BEZERRA, 2005).

Bezerra (2005) procura aqui explicitar de acordo com Bakhtin o efeito negativo que o monólogo produz para uma vida social que se quer fraterna, solidária, porque, no monologismo, apenas uma voz se faz ouvir, pois as demais são abafadas, é algo concluído e surdo à resposta do outro, nega a isonomia entre as consciências, pretende ser a última palavra e com isso desconsidera o outro enquanto sujeito ativo criativo e constitutivo de verdades carregadas de conteúdo histórico, ideológico, social, enquanto a polifonia se define especialmente pela multiplicidade de vozes e consciências, embora autônomas e equivalentes. Nessa perspectiva,

Natureza dialógica da consciência, natureza dialógica da própria vida humana. A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialogada por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universa. (BAKHTIN, 2003, p. 348).

É por isso que Bakhtin diz que todo romance representa a vida em autodesenvolvimento e a recria, visto que o autor do romance pode recriar a lógica das consciências, mas não a cria nem a viola. Inclusive todos nós podemos recriar a lógica do que quer que seja, mas, nessa lógica, Dostoiévski descobriu o indivíduo e a sua lógica em autodesenvolvimento.

É importante destacar aqui que “[...] Dostoiévski tinha um olho excepcionalmente penetrante e um ouvido sensível para ver e escutar essa luta sumamente intensa do eu com o outro em cada revelação exterior do homem (em cada rosto, gesto, palavra), em cada forma viva de convívio de seu tempo” (Bakhtin, 2003, p.351). Nesse sentido, o homem jamais pode ser generalizado, dado a sua singularidade ímpar e insubstituível e, por isso, essa posição jamais poderá ser revogada através de uma interpretação conceitual e abstrata. Nesse caso, o autor, pelo seu caráter democrático, jamais manipulará o destino das pessoas, mas o que possibilitará essa definição ou acabamento estético são as próprias visões de mundo manifestadas em vozes dialogadas. O que caracteriza o conceito de polifonia, não é só a presença de diferentes vozes, mas a relação de diálogo entre elas, visto que em cada voz há profundas “ambivalência e plurivalência de cada fenômeno”, marcado por uma relação de contradição, onde as diversas vozes se constituem, por meio do diálogo, em pontos de vista contraditórios, em que toda a essência se dissolve no diálogo aberto, honesto, frente a frente e cada uma se revela ao outro voltado para o outro. Caso contrário, ocorreria falta de clareza nas diversas relações sociais, o que Dostoiévski denominou de princípio da reificação do homem, princípio este que resulta na dominação – política, econômica, ideológica – e que essa dominação nada mais é do que uma “violência que destrói o indivíduo”. Nessa direção, Bakhtin (2003, p. 354) afirma que:

A reificação do homem na sociedade de classe, levada ao extremo nas condições do capitalismo. Essa reificação é realizada por forças externas que agem de fora e de dentro sobre o indivíduo; é a violência em todas as formas possíveis (econômica, política, ideológica), e só é possível combatê-las externamente e com forças externas (a violência revolucionária justificada); o indivíduo é o fim.

A POLIFONIA COMO CATEGORIA ESTÉTICA E ÉTICA

A diversidade, diálogo e conflito de pontos de vista, aparecem nas vozes de diferentes atores sociais e afirmações como vozes equivalentes que dialogam com igualdade de poderes, incluindo o narrador. A última palavra não existe e não há fechamento estético por parte do narrador, bem como o autor nega o centralismo ideológico. A verdade embora exista, ninguém a possui. São essas, todas proposições que caracterizam a noção bakhtiniana de polifonia. São características que sustentadas por um conteúdo histórico, social e ideológico, trazem em seu bojo o princípio do respeito, da autonomia, da democracia, do direito de cada um poder falar e responder por si mesmo. Essas características, apesar de desejáveis socialmente, estão, segundo Bakhtin, presentes no romance polifônico de Dostoiévski, onde

um personagem vale tanto quanto um autor. É justamente aí que reside o grande teor ético e democrático que de acordo Tezza (2001), o autor-criador, descreve o evento da vida em toda a sua polifônica realidade, numa arquitetura que mantém a multiplicidade de pontos de vista, presentificados e necessariamente incompletos. A ficção de Dostoiévski será, para Bakhtin, uma representação concreta do limiar perpétuo que vivemos na vida cotidiana, não redutível a um olhar centralizador ou a uma abstração teórica.

Bakhtin (2003, p. 23) oferece pistas de uma ética fundada na linguagem do romance, ao descrever o processo exotópico da relação com o outro, da consciência que o eu tem do outro:

O excedente da visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dela e, depois e, depois de ter retornado ao meu lugar, contemplar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, converte-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento.

É importante observar que no processo exotópico, apesar de usarmos de empatia para com o outro, logo retornamos ao nosso lugar, porque esse retorno é que nos dará o conhecimento tanto ético quanto estético que precisamos para o devido acabamento da ação vivida. É justamente nesse ir e vir, ocupando diversos planos, que ocorre o excedente de minha visão. O ético desse processo – porque ao relacionar o vivenciado a partir do outro eu me solidarizo com ele e, o estético – porque quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar, nós possuímos todos os ingredientes necessários e reais para dar a devida formatação e acabamento com os tons volitivo-emocionais ao expressado. Ocupar o horizonte concreto do outro tal qual ele o vivencia é que possibilitará o excedente da visão necessária para vivenciar a plenitude da expressividade externa ao nosso lugar. São os diversos horizontes que possibilitarão reunir uma série de elementos que nos foram acessíveis a partir do nosso lugar.

Portanto, o ético e estético envolvem a avaliação responsável que o sujeito faz, ao agir, a partir de conhecimento de vários pontos que une elementos desse agir no mundo e a responsabilidade social como alguém que tem que prestar contas de suas ações neste mundo. Contudo, sobre esse agir Sobral (2005) diz que o sujeito pode e deve, naturalmente, afastar-se de sua própria contingência o suficiente para ver a si mesmo nela e, construir-se a si mesmo nela, a partir do concreto e do abstrato, do coletivo (o outro) e do individual (nunca subjetivo), do agir e do refletir sobre o agir, do que há de único em cada ato e do que há de

comum a todos os atos. Essa é a posição exotópica (do excedente de visão) preconizada por Bakhtin. É uma forma que o autor-criador (observador) se entrelaça nessa trama do “eu” para com os outros “eus” numa rede dialógica de ações concretas, onde lhe é possível captar aspectos de si mesmo pela mediação das consciências dos outros. Assim, de acordo com Faraco (2005, p. 48),

No mundo artístico de Dostoiévski, o grande diálogo é a própria ação: o romance não é um estenograma de um diálogo acabado (ou, menos ainda, uma seqüência de diálogos composicionais), mas o diálogo tenso e denso de heróis inconclusos, diálogo de que participa o próprio autor-criador.

Devido à sua motivação e tomado pelo caráter sócio-político-histórico, de acordo com Bakhtin, Dostoiévski não deixa dúvida em seu romance de que todas as palavras possuem o mesmo peso valorativo e dialógico porque elas são partes integrantes e inseparáveis de outras vozes, também equivalentes. É nesse contexto dialógico que a realidade é criada onde não se admite a demarcação de limites tanto para o seu início como para o seu término, pois não há limites no processo dinâmico da existência

É nesse sentido que Dostoiévski, ao dar visibilidade ao ser humano, nos confere o esclarecimento de que só é possível ser homem encarnado se mergulharmos na existência da vida. Com isso, podemos concluir que é impossível representar esse homem que se refaz permanentemente diante de cada evento concreto da vida, onde ele, como ser, é capaz de transcender-se através do horizonte inusitado do tempo. Nesse sentido, aprendemos com Bakhtin que “Dostoiévski se opõe à cultura decadente e idealista por afirmar que o próprio ser do homem é convívio mais profundo. “Ser significa conviver. [...] Viver significa participar do diálogo [...] Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, num simpósio universal”. BAKHTIN (2003, p.341, 348).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua é uma superestrutura? Bakhtin toma essa questão para discuti-la a partir de uma reflexão crítica sobre a perspectiva marxista. Bakhtin faz essa pergunta aos 24 anos de idade. Desde essa época, ele queria saber “o que é a verdade”, ao se referir à dimensão da

constituição do sujeito? Acreditamos que essa pergunta antecedeu todas as demais que ele propôs ao longo de sua vida.

O dialogismo é expresso na própria conduta de Bakhtin, ao visitar outros pensadores e as condições sócioeconômica e política de sua época. Ele foi até as correntes de pensamento de seu tempo e expôs a “fragilidade” de cada uma com a construção de sínteses dialógicas e dialéticas. Quando ele reflete sobre a linguagem e se pergunta se ela é uma superestrutura, ao discordar, em responder tal questão, vai encontrar na linguagem aquilo que denomina de dialogismo, termo esse que se opõe ao monologismo estrutural vigente no modelo lingüista de Saussure. Dessa forma, Bakhtin encontra no dialogismo a possibilidade “criadora” do sujeito, o que na verdade se opõe às “normas” e às “formas”, características do estruturalismo, que coisificam a humanidade.

Com base nestas assertivas podemos inferir que as idéias de Bakhtin são uma síntese dialética/dialógica do pensamento linguístico e filosófico e que conseguiu problematizar as “vozes” que viriam após ele. Tal atitude, desse exponencial autor, instiga-nos estudar a sua pessoa, a sua conduta, ao mesmo tempo, em que estudamos seus conceitos e suas categorias analíticas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

BAKHTIN, Mikhail M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de Barros. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. IN: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin**: dialogismo e construção de sentido. Campinas, SP: Unicamp, 2005. P.25-36

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. IN: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. P. 37-60.

SOBRAL, Adail. Ato/atividade e evento. IN: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. P. 11-36.

SOUZA, Neusa Balbina de, et al. No conto, no canto, no encanto: tecendo leituras, fazendo leitores. **Ensino & Ação**, Linhares, p. 35-50, 2004.

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no Romance. IN: BRAIT, Beth (Org). **Bakhtin:** dialogismo e construção de sentido. Campinas, SP: Unicamp, 2005. P. 209-217

_____. **A polifonia como categoria ética.** Trabalho apresentado no X Congresso Internacional sobre Mikhail Bakhtin-Polônia, 2001. Disponível em: <http://tevistacult.uol.com.br/especial_polifonia.htm>. Em: 01/06/2006.